

Abraão e as frutas

poesias



LITERATURA
PARA TODOS

Luciana V. P. de Mendonça

Abraão e as frutas

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica

Ira Maciel

Comissão de Pré-seleção das Obras

Cristiane Costa

Heitor Ferraz Mello

Júlio César Valladão Diniz

Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Comissão Julgadora

Antônio Torres

Heloisa Jahn

Jane Paiva

Lígia Cademartori

Magda Soares

Marcelino Freire

Milton Hatoum

Moacyr Scliar

Rubens Figueiredo

Ministério da Educação

Esplanada dos Ministérios

Bloco L – 7º andar – Sala 710

litteraturaparatodos@mec.gov.br

www.mec.gov.br

Abraão e as frutas

poesias

Luciana V. P. de Mendonça

1ª Edição

Brasília – 2006



**LITERATURA
PARA TODOS**

Título original: Abraão e as frutas
Autora: Luciana V. P. de Mendonça

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M539 Mendonça, Luciana V. P. de.
 Abraão e as frutas / Luciana V. P. de Mendonça. – Brasília :
 Ministério da Educação, 2006.

84 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 9)

ISBN: 85-296-0051-7

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.1
CDU 821.134.3(81)-1

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou da autora.

Índice

Apresentação	8
Prefácio	10
Sobre o autor	12
Da <i>baby juke box</i> brasileira	13
E foi assim que nasceu Abraão	16
A casa do pé de goiaba	23
Furta cor	25
Gostosa!	29
A manga e o mangá	33
Ao poeta, o poema caju	37
Uma pedra	41
Maçã	43
Musa mulher que geme	47
Grande e inibida	53
A pitanga	57
As uvas da história	59
O maracujá	63
Entrevista com a autora	70
Referências aos autores citados	73

Carta ao leitor

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso a

livros da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

Prefácio

O livro *Abraão e as Frutas* é delicioso! A frase é óbvia se considerarmos que se trata de um conjunto de poesias que versam sobre frutas. No entanto, é a expressão mais adequada para este texto. Como toda poesia de boa qualidade, as de *Abraão* vão muito além do que está escrito. Praticamente contam a história do povo brasileiro e ainda ensinam sobre o fazer poético e apresentam alguns de nossos melhores poetas, como Drummond, Bandeira, Cabral e Gullar.

Abraão é um poeta brasileiro que nasceu de uma *juke box*, uma daquelas caixas de música antigas em que se escolhe a canção que quer ouvir. É um tipo comum, nordestino, estatura mediana, moreno, sem profissão definida. Possui duas características singulares: gosta de poesia e quer ser poeta.

Ele pensou em escrever um livro de poesias sobre as frutas de sua vida. Escolheu um formato diferente para cada uma delas. Assim, temos o verso livre, o soneto, o haicai, a redondilha maior e menor, enfim, diversas formas de fazer poesia.

Mas o leitor não precisa ser poeta para entender. Cada poema sobre frutas é antecedido de outro poema, que explica como esse foi feito, como se fossem dois livros, um explicando o outro. Com esse artifício, a autora consegue um resultado leve e bem humorado. Temos poesias saborosas, com uma linguagem simples, mas sem perder a profundidade das coisas. A partir do nosso cotidiano aprendemos sobre poesia e podemos descobrir o sabor, ou seja, o gosto bom e variado que a poesia possui.

Abraão e as Frutas é uma espécie de texto introdutório que desperta a curiosidade e o interesse em provar outras frutas, experimentar outros sabores, na verdade o sabor da poesia, como se fosse uma abertura para o mundo da linguagem poética. Os leitores têm nesse conjunto de poesias a possibilidade de aprender como se faz poesia e os infinitos sabores que ela oferece. Além disso, podemos pensar sobre quem somos como povo brasileiro. Enfim, a poesia de *um homem comum* que gostava de poesia e queria ver o seu mundo de uma forma diferente.

Maria da Luz Pinheiro Cristo

Comissão Julgadora

I Concurso Literatura para Todos

Sobre o autor:

Abraão se apresenta com um verso
de Ferreira Gullar:

“Sou um homem comum”.

E tem orgulho de ser assim,
apesar de sua origem incomum.

Abraão nasceu numa caixa,
tipo *juke box*, aquela caixa
em que se escolhe a música
apertando um botão.

Nasceu numa *baby juke box*,
e, apesar do nome – dele e da caixa –,
é de origem 100% brasileira.

Da baby juke box brasileira

“Sou um homem comum”
Feito sob medida
Pela primeira e única
Baby Juke Box BR
Com selo e garantia
Da indústria brasileira.

E na caixa de escolhas
Eram tantos os botões
Que o meu pai perdido
Apertou os primeiros
E sou assim de Alagoas
E me chamo Abraão.

E quanto ao meu tamanho,
“Alto”, disse papai.
E minha mãe, “nem tanto”.
E escolheram rápido
Uma altura ideal:
Essa estatura média.

E entre outros detalhes
Fez mamãe a opção
Pelo tom de meus olhos
E do azul de seus sonhos
Escolheu por engano
Cor indeterminada.



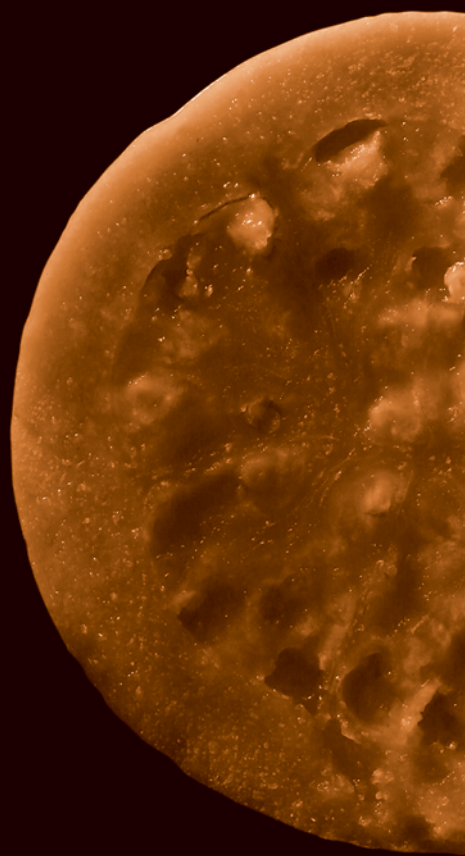
E foi assim que nasceu Abraão.

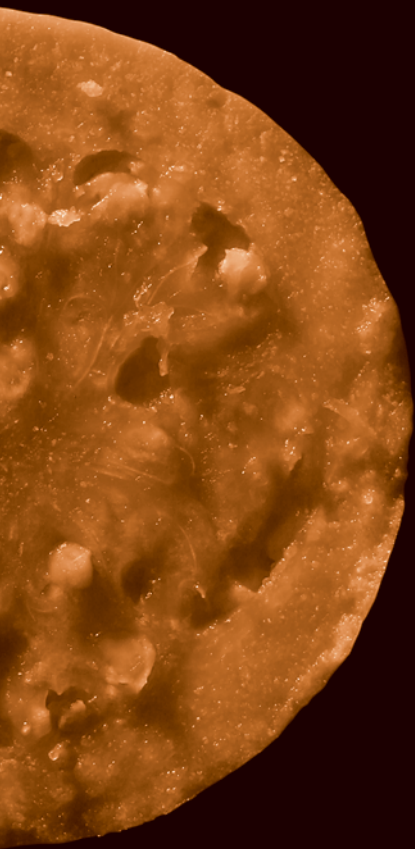
E errou também papai
Pois diante da lista
De um monte de nomes
Meu pai, já bem cansado,
Foi bater “tanto faz”
No botão “profissão”.

E saí assim
Ímpar e poeta:
Um homem comum
Origem brasileira
Natural de Alagoas
Estatura mediana
Olhos cor de burro quando foge
Profissão qualquer coisa
E me chamo Abraão.

E Abraão gostava de poesia
e se dizia poeta.
Escreveu então este livro
sobre as frutas de sua vida.
E para cada uma das frutas
fez um tipo de poema –
do verso livre ao soneto e ao haicai,
erótico, em redondilha e outros...
– além de citar grandes poetas:
Bandeira, Drummond, Cabral e Gullar.
E para acompanhar melhor suas imagens
(sendo ele do século vinte e um)
recheou o livro com fotos bem coloridas
de suas frutas preferidas:
abacaxi, pêssego, goiaba,
caju, maçã, manga, morango e outras.

E para abrir o livro
escreveu primeiro um soneto
sobre a goiaba.
E pensou baixinho:
Logo o mais difícil
só pra mostrar que sou poeta!





E como era o primeiro soneto de sua vida,
um soneto em decassílabos
(com versos de dez sílabas poéticas)
com rimas intercaladas nas duas primeiras estrofes
e rimas alternadas nos tercetos,
Abraão repetia alto:
– ABBA ABBA CDC DCD
(o primeiro verso rimando com o quarto
e o segundo com o terceiro nas duas primeiras estrofes
e rimas alternadas nas duas últimas)...

Quando seu filho ao seu lado lhe disse zoando:
– Papai, você parece criança, repetindo abbabba...
parece um bebê gago!

A casa do pé de goiaba

Lembro-me apenas do pé de goiaba
Da menina órfã de olhar castanho
Que ao se apaixonar por um estranho
Foi viver longe, bem longe de casa.

Lembro-me dela após muita estrada
Voltava ela com a filha de um ano
– Quiçá fruto de um outro engano –
A procurar o seu pé de goiaba.

E dia após dia e a todo instante
Atrás da árvore, e atrás a criança,
Aquele senhora cambaleante...

E mesmo cega, nítida a lembrança
Ao olhar a filha e dizer radiante:
– Que linda esta goiaba da infância!

E ao olhar seu filho adolescente,
lembrou-se também de seus dezessete
e de Maria.

E fez o segundo poema
sobre o pêssago,
erótico e em sílabas de sete
ou, poeticamente falando,
em redondilha maior.

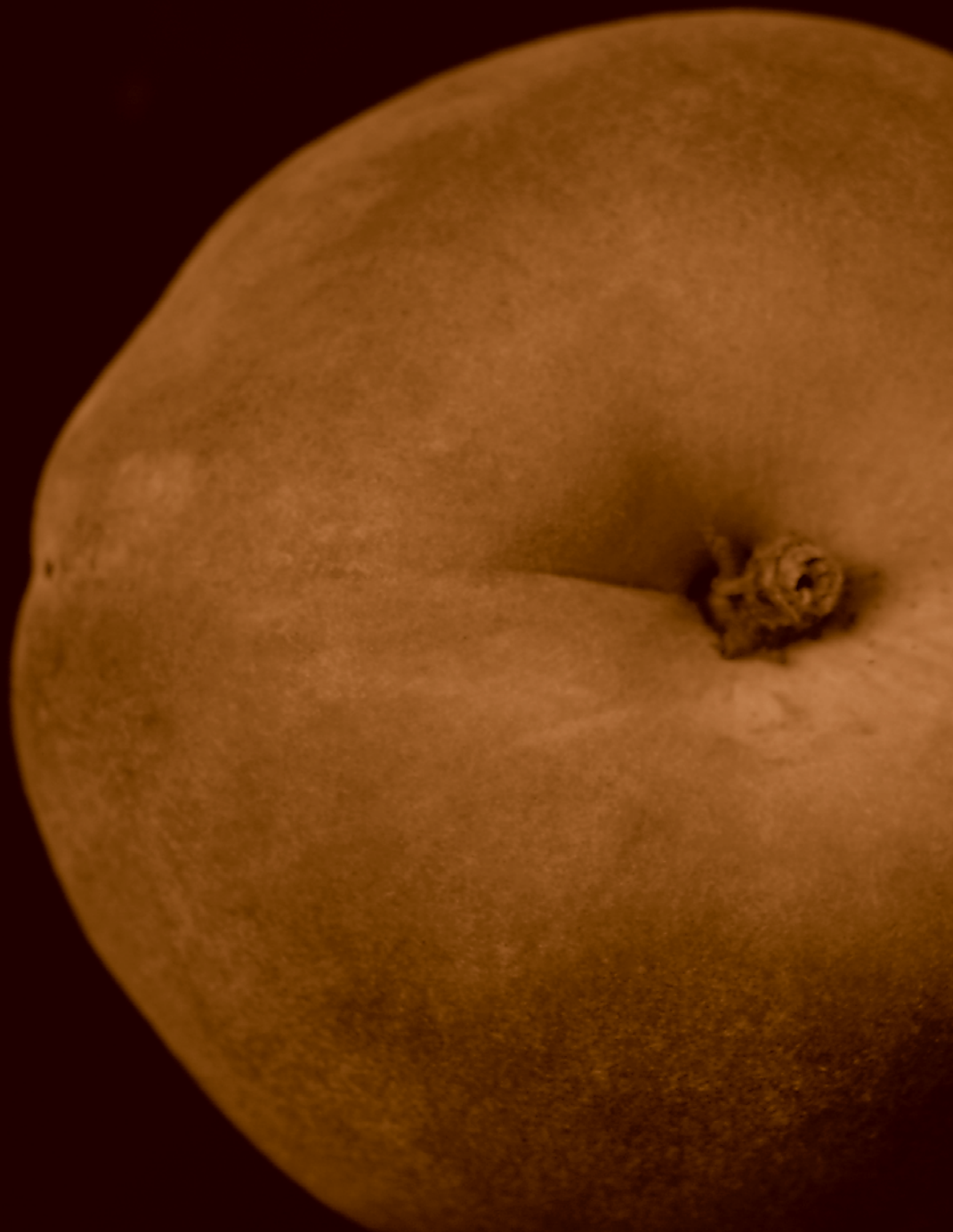
Furta cor

Como o rosto de Maria
Como a pele lisa e suave
Como um fruto verde e rosa
Como eu ainda tão jovem
Como um pêssago macio.

Como os olhos de Maria
Como o olhar sedutor
Como a menina mulher
Como eu já feito na vida
Como o sumo de sua boca.

Como o corpo de Maria
Como as tantas mil loucuras
Como ela amadurecida.

E já quase, quase como...
Como uma fruta passada
E já não como Maria.



E se lembrou ainda
de outras Marias...
Marias de todos os jeitos,
morenas,
loiras,
simples,
neuróticas
e Maria Antônia Barboza Macedo Sobrinho,
a mais sofisticada Maria de todas,
que só bebia champagne
muito bem acompanhada.
E fez o terceiro poema
sobre o morango,
em versos livres
– sem ter de contar as sílabas
ou escandir os versos,
como só dizem os poetas –
e valorizando sua forma
como o fazia Maria.

Gostosa!

O azedinho
na língua
as borbulhas geladas
o champagne francês
O arrepio!
Na boca molhada:

a taça suada
o morango vermelho.





E eram tantas as Marias na cabeça
que se lembrou do que dizia seu primo distante,
Abraansito, da *juke box* paraguaia:
– *Los hombres sólo piensan en mujeres, fútbol y cómics...*
E Abraão talvez induzido por essa
filosofia de terceira
e decidido a não falar de mulher
– e como o futebol aqui não vem ao caso –
buscou inspiração nos quadrinhos...
E de metáfora em metáfora
fez o quarto poema
sobre a manga
em três estrofes.

A manga e o mangá

Feminina a fruta
Masculino o desenho
Diverso no sexo ou gênero
No verso, repleto de metáforas.

Manga rosa
Dama exangue
Manga espada
Espadachim.

Os cabelos espetados
nos fiapos do dente
Os olhos grandes
no caroço chupado.



E do caroço chupado
para o caju
foi um pulo
(aleatório, é claro!).
E como o caju o remetia ao nordeste,
resolveu fazer uma homenagem
ao poeta do agreste,
e escreveu seu quinto poema,
“Ao poeta, o poema caju”,
que ficou por sinal muito sensual.

Ao poeta, o poema caju

O caju e a castanha
como em Cabral
o Brasil e a Espanha.

E no Recife de Cabral
como no caju a castanha
Sevilha da Espanha.

Vermelha
castanha
cigana.

Do palo seco
do fruto seco
da castanha.

Recife, o caju
e Sevilha, a castanha.

E o Capibaribe encharcado
a desaguar na Espanha.





E não poderia faltar uma homenagem
também ao Drummond
– mestre de Cabral e de Abraão –
mas só lhe vinha à cabeça a imagem da pedra,
ou melhor, vinha-lhe o verso:
“tinha uma pedra no meio do caminho”.
E assim escolheu como fruta
de seu sexto poema
o abacaxi.

Uma pedra

Não importa a majestade do fruto,
não importa sua coroa
ou a riqueza dos losangos
na roupagem.

Não importa se é doce
ou se é macio.

Não importa se refresca.
Não importa se acalma.
Não importa se protege,
revigora, purifica ou fortalece.

Não importa se está no ponto,
em fatias bem finas,
e se o miolo é
como um anjo...

Um abacaxi
é sempre uma pedra!

E para continuar a história,
usou um verso de Bandeira,
rimas toantes, internas,
versos livres
e um tom prosaico no final
e fez “Maçã”,
o seu sétimo.

Maçã

“Por um lado te vejo como
um seio murcho”,
semente seca, estéril fruto.
Por outro te vejo alimento,
bendito fruto, sustento.

Vejo-te ainda na serpente que surge
e surpreende-me,
sedutora:
o fruto proibido.

Mas é como fruta que te vejo inteira!
Verde ou vermelha,
na feira, na boca, na geladeira.





E lá pelo meio do livro
– ou melhor, lá pelas tantas,
já que Abraão não sabia quantos
poemas ou sobre quantas frutas
iria escrever –
ele se lembrou das bananas,
a mais brasileira das frutas,
embora de origem asiática.
E resolveu fazer o seu oitavo poema
sobre a *Musa sapientum*,
o nome científico
da vulgar e brasileiríssima
bananeira.

Musa mulher que geme

Árvore dos sábios...
– Oh, *Musa sapientum*!
que geme ao dar seus cachos
como se ao parir um filho.

E das flores cachos
e grandes pencas
saem verdes
frutas meninas.

Retraídas
encolhidas num prato
as bananas chorona
ou nanica.

Exibidas
na beira da estrada
as bananas chifre de boi
ou comprida.

Sofisticadas
com a pele aveludada
as bananas maçã
ou branca.





E eram tantas as bananas
que o oitavo poema ficou mais longo do que de costume:
oito estrofes de quatro versos.

E por este motivo,
Abraão resolveu pensar seriamente
no tamanho ideal de seu livro,
em quantos poemas deveria escrever,
sobre que outras frutas...

Achou que dez poemas estariam
de bom tamanho,
mas o livro poderia ficar muito fino...

Pensou e pensou e pensou.
– Vou escrever doze,
disse categórico,
afinal, frutas se compram por dúzia.

Bananas de todas as cores
verde e madura
amarela e roxa e branca
ouro e prata.

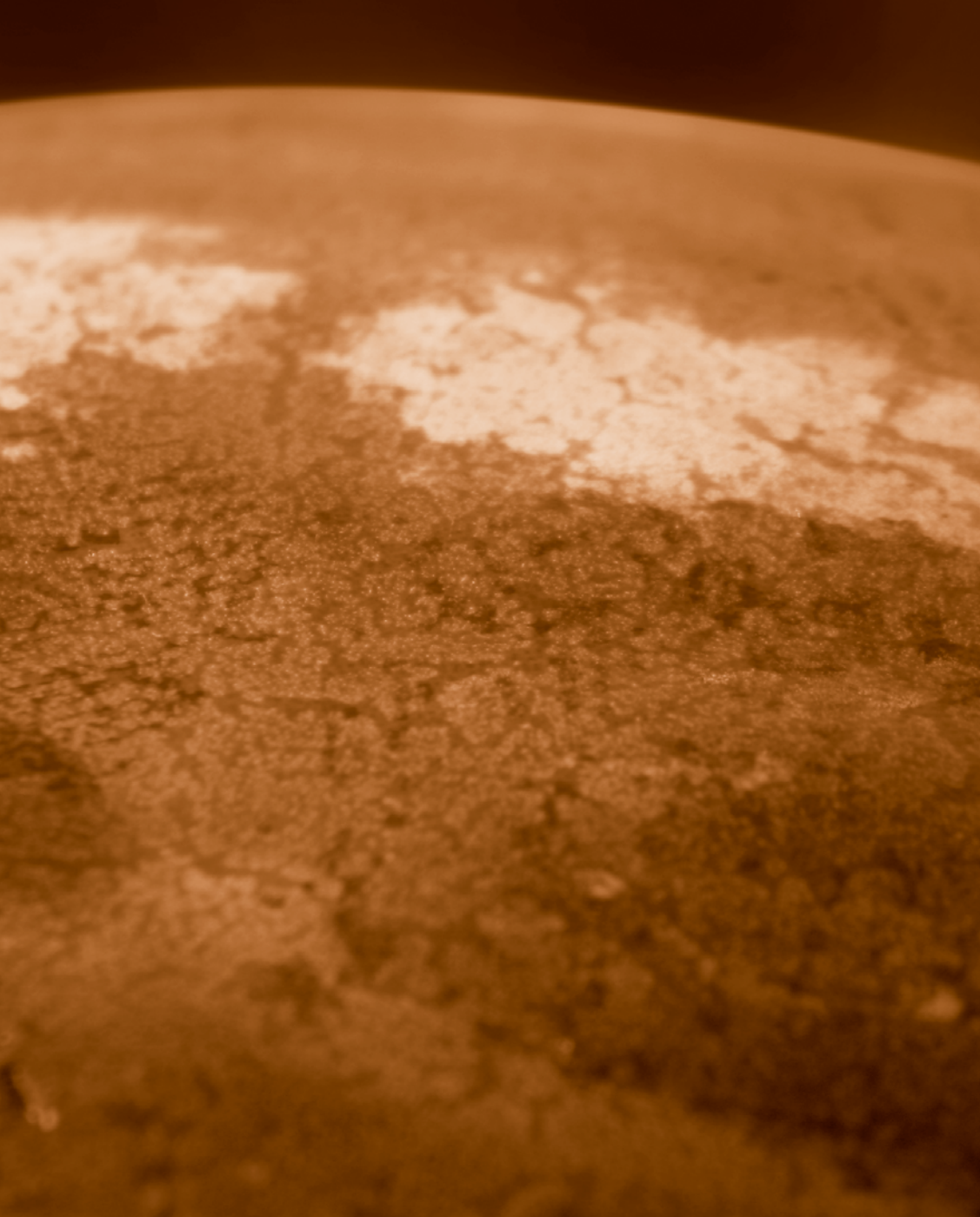
Bananas de lugares distintos
bananas da terra
bananas d'água
bananas da china.

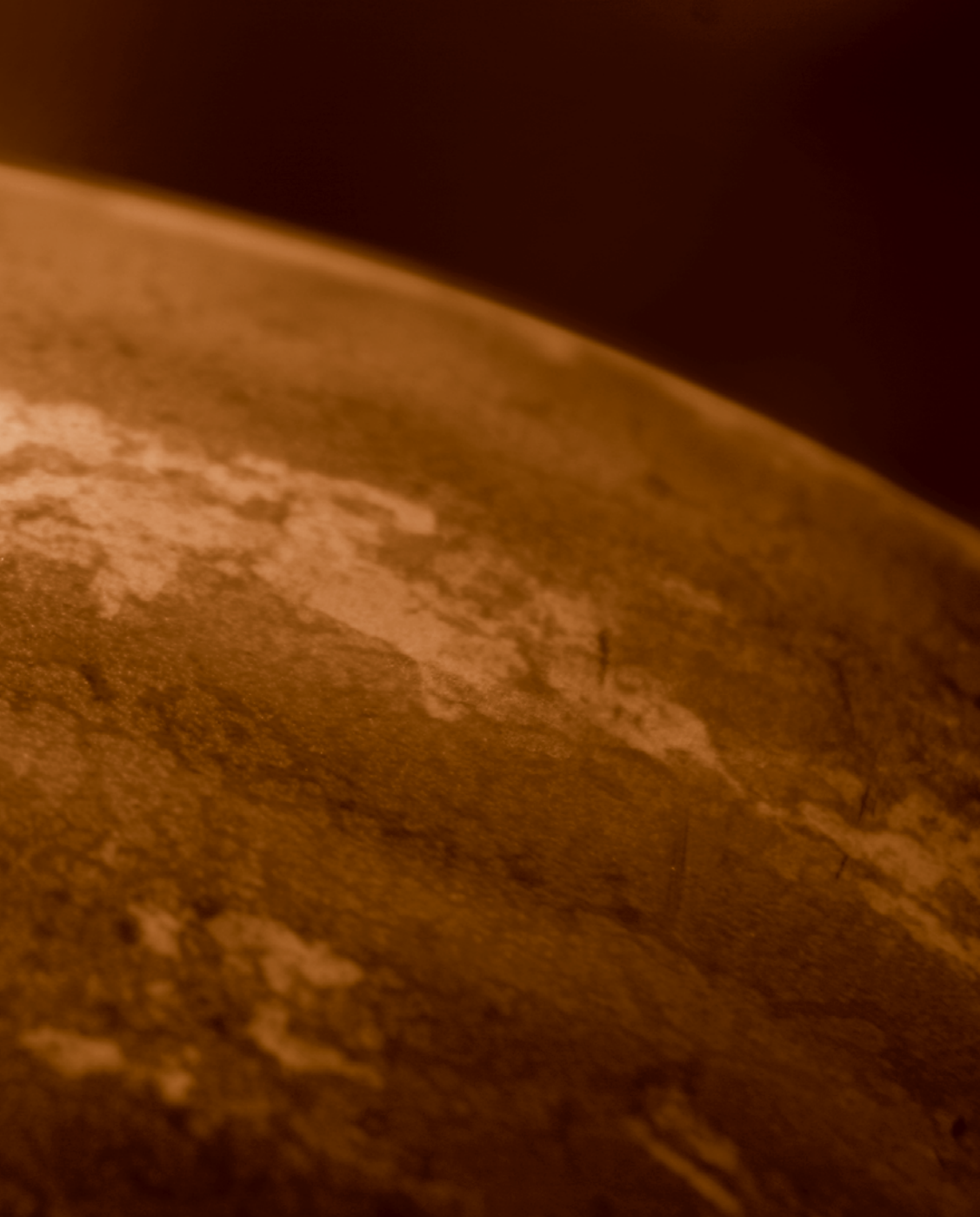
Bananas de contos de fadas
musa mulher que geme
banana dedo de moça
banana sapo.

E depois da banana,
com uma quantidade insuperável de tipos,
resolveu escolher a fruta pelo tamanho.
E fez o nono poema sobre a melancia,
optando propositadamente
por uma quadrinha:
poema de quatro versos apenas
e quase sempre com rimas soantes.
Mas resolveu fazê-lo com rimas toantes,
talvez para ficar diferente
ou simplesmente
por ser mais fácil.

Grande e inibida

A melancia é como uma bela donzela
e seu seio vermelho tão doce e gostoso
que ela se cobre de verde naquela esfera
e finge-se de dura driblando os afoitos.





Ao terminar a quadrinha da melancia,
fez o seu décimo poema sem forma fixa,
em versos livres, como dizem,
e sem pontuá-los
– o verso e a estrofe como pontuação,
como lhe era mais de costume –
e bem curtinho também,
sobre uma fruta de tamanho oposto:
a pitanga.
Miudinha, bonitinha, vermelhinha
e de gosto quase totalmente desconhecido.

A pitanga

Há frutas
frutas.

Há frutas
frutos.

Outras
apenas flores.

E Abraão quase no final
para mostrar um pouco de cultura,
encontrou na filosofia
o tema ideal.

E escolheu a uva
que lhe parecia a fruta mais apropriada,
tendo ela sido companheira
de orgias e de cicuta.

Um poema em redondilha,
e para não ficar muito pomposo,
em versos de cinco sílabas
ou, para ser mais poético,
em redondilha menor.

As uvas da história

Desde antes de C
o vinho e a cicuta
na boca de Sócrates.
E atentos discípulos
no último ato.

E depois ainda
o vinho e o pão
no corpo de Cristo.
E os fiéis apóstolos
na última ceia.

E ao longo do tempo
na boca de Marx
de Freud e de Nietzsche.
E os seus seguidores
na modernidade.

O vinho das uvas
– uvas quase passas –
como uvas ilustres
de vinhas antigas
e imemoriais.





E como tinha resolvido
escrever doze poemas,
deixou o maracujá por último.
Queria falar do fruto da paixão
– *le fruit de la passion* –
tão recorrente em sua vida
e em sua poesia.
E queria fechar o livro com chave de ouro.
– Outro soneto, disse empolado,
só pra mostrar que faço!

O maracujá

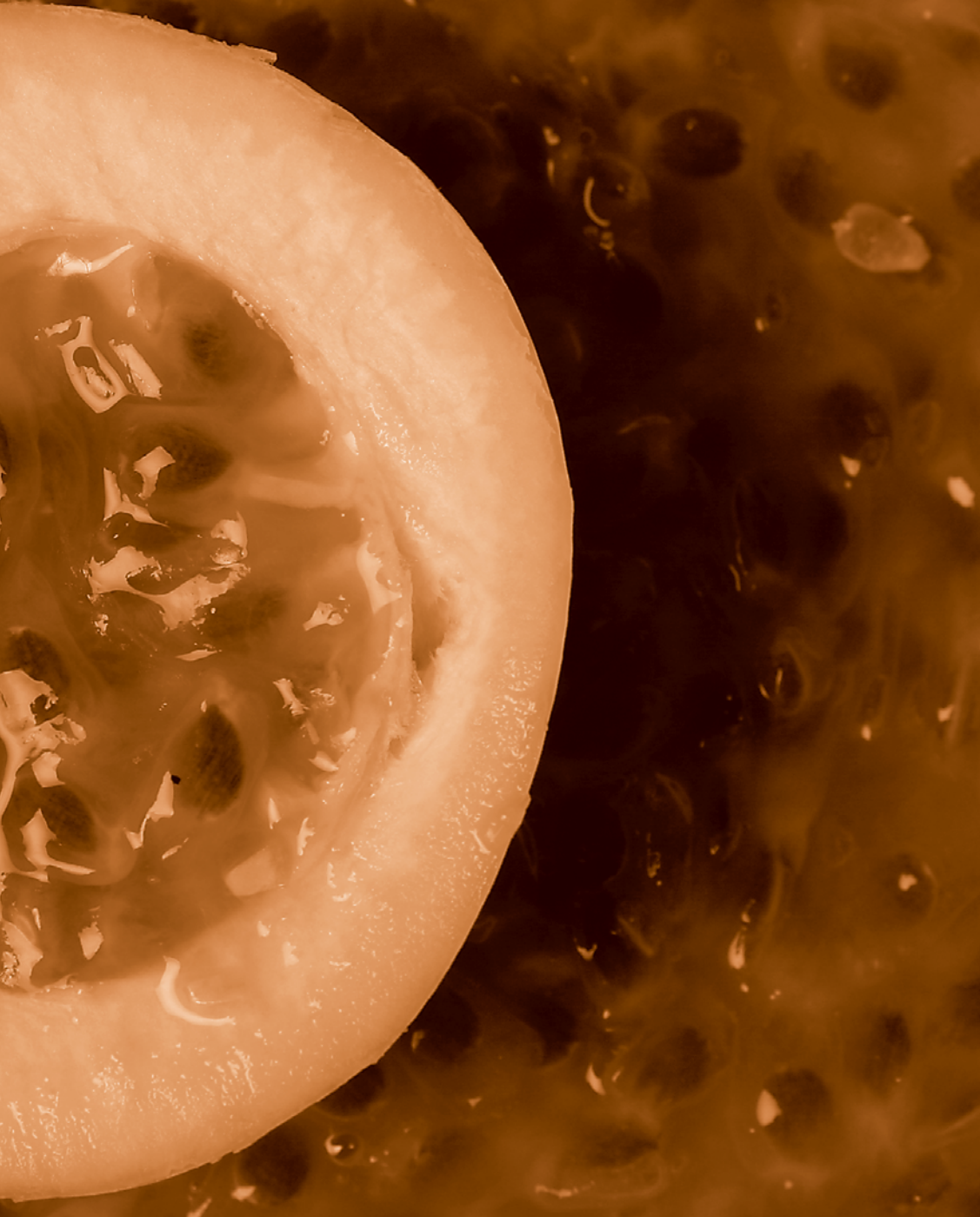
Não há na vida mais puro deleite
Do que retirar a casca e a semente
E expor-se apenas ao líquido ardente
Inteira­mente nu e desprovido de enfeite.

Como o sumo amarelo e denso o leite
Do fruto da paixão tão envolvente
Sem qualquer semente e abertamente
Sem casca ou continente que o estreite.

Livre e pueril o fruto desse instante
De um gosto azedo e doce, e varonil
O sumo a jorrar como em um rompante.

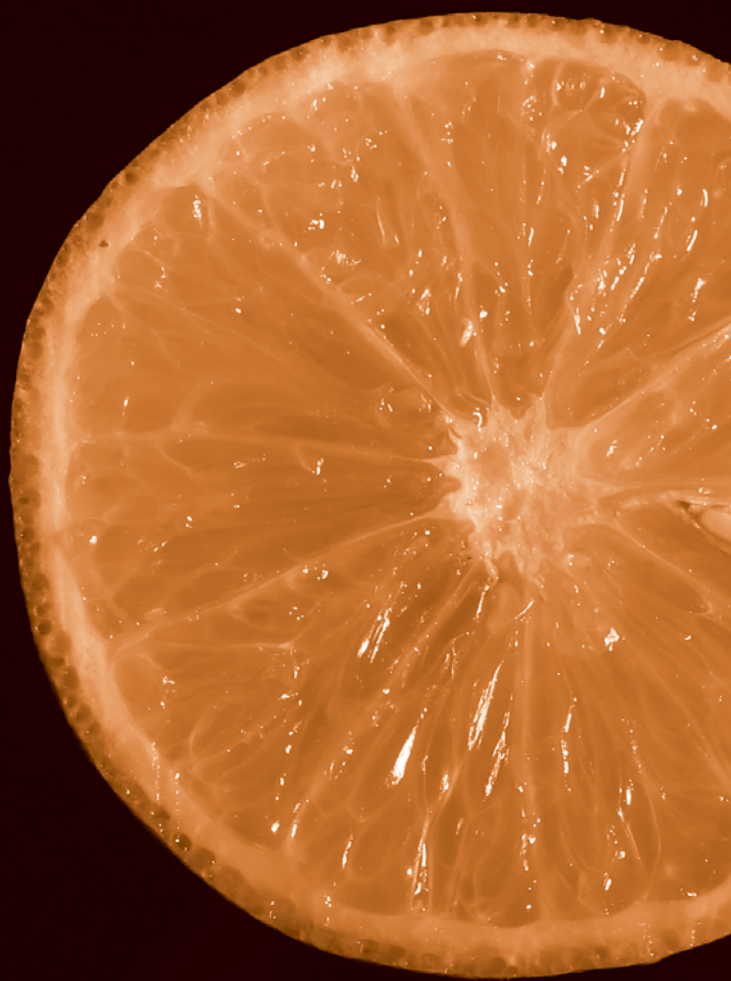
Tão forte e de um amarelo febril
Concentrado e tão mais instigante
E apaixonadamente juvenil.

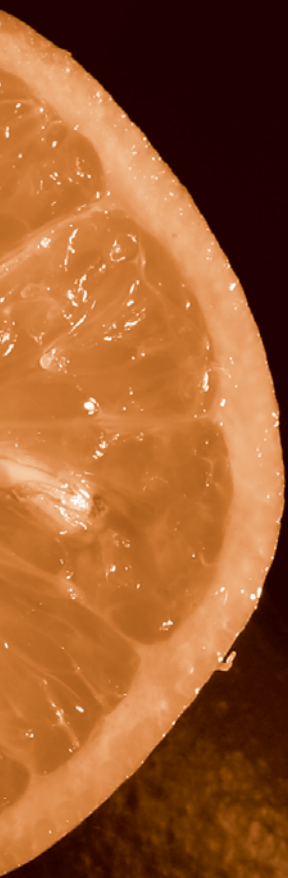




E depois de escrever sobre tantas frutas,
Abraão resolveu ir à feira.
E foi lá por volta das doze
que lhe escapuliu gostoso
um haikai:
poema de três versos apenas,
com sílabas de cinco, sete e cinco,
e sem título.

Laranjas: verdes
e amarelas bolas rolam
na xepa da feira.





Entrevista com a autora

Quando você começou a gostar de ler?

LUCIANA – Ao ler minha primeira revistinha em quadrinhos. Éramos quatro irmãos e minha mãe comprava sempre quatro revistinhas de cada vez, que líamos com todo cuidado para trocar por mais quatro no jornalheiro, que já era nosso amigo. Depois dos gibis vieram os livros, que foram muito presentes na minha infância.

Quais livros marcaram sua infância e adolescência?

LUCIANA – Ainda menina, meu avô me apresentou Hermann Hesse, Gibran Khalil Gibran, Jack London, Pablo Neruda e vários outros autores. Na adolescência, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarisse Lispector e Franz Kafka me marcaram muito. Os Irmãos Karamasov, de Fiódor Dostoiévski, também, fiquei impressionada com a densidade do texto.

Como você começou a escrever?

LUCIANA – Fiz o primeiro poema com nove ou dez anos, quando entrei para uma escola

americana. Não falava inglês muito bem e alguns colegas me gozavam quando dizia algo errado. Tive dificuldades, mas estava sempre descobrindo novas palavras. Então comecei a escrever poesia. Fiz meu primeiro poema em inglês, para me expressar de uma maneira diferente naquela língua diferente. Daí em diante só conseguia escrever poesia em inglês. Só depois comecei a escrever também em português.

Como nascem suas histórias e personagens?

LUCIANA – Acho que surge do nada, ou melhor, alguma coisa faz com que você dê a partida: uma emoção, uma observação, uma idéia, como se fosse uma centelha, uma semente. Mas essa semente de abóbora, digamos, vira uma outra coisa, vira uma girafa de bolinhas, um elefante de asas, um conto, sei lá... Meu ritual é deixar que aconteça, ir burilando, sem nenhum compromisso com o que pensei em fazer no início. A poesia tem vida própria.

Que lugar a leitura ocupa em sua vida?

LUCIANA – Ler é um prazer enorme; é como ir à praia, namorar, ir ao cinema. Gosto de ler deitada, com tempo; adoro curtir um bom livro. A leitura faz parte da minha vida.

Além de escrever, o que você também gosta de fazer?

LUCIANA – Ir à praia, caminhar, ir ao cinema, viajar e estar em contato com a natureza.

Quais são seus autores preferidos?

LUCIANA – Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Albert Camus, Sophia de Mello Andersen, Jorge Luís Borges, Julio Cortázar, Gabriel Garcia Marques e Fausto Wolff, entre outros.

Referência aos autores citados

Manuel Bandeira (1886-1968), poeta pernambucano batizado Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, publicou 48 livros de poesia, contos e crônicas. Foi também crítico de arte e escreveu para veículos como Folha de São Paulo e Jornal do Brasil. Modernista da Semana de Arte Moderna de 1922, foi eleito, em 1940, para integrar a Academia Brasileira de Letras. É considerado um poeta simples, no bom sentido, de versos que perpassam sua experiência pessoal, o cotidiano, as perplexidades e os desejos.

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), mineiro de Itabira, estreou na literatura com o livro *Alguma Poesia* (1930). Seu legado consta de 112 obras traduzidas para 13 idiomas, e possui até versões em braile. Seus poemas versam sobre a opressão, o medo, o amor e a vida com todos os seus claros enigmas. Transitou, com igual brilho, pelo conto e pela crônica. Jamais cogitou pertencer a nenhuma Academia.

João Cabral de Melo Neto (1920-1999), pernambucano de nascimento e sevilhano por adoção, publicou cerca de 40 livros em prosa e verso, alguns deles traduzidos para seis idiomas. Existe vasta fortuna crítica sobre sua obra, também retratada em filmes, gravada em discos e encenada no teatro. Foi diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras. Chamado de “o poeta da razão”, desenhou em versos a saga do retirante nordestino em *Morte e Vida Severina*, sua obra mais popular.

Ferreira Gullar (1930), nasceu em São Luiz, Maranhão, sendo registrado como José Ribamar Ferreira. Em 1949, publicou seu primeiro livro de poesia, *Um Pouco Acima do Chão*. Sua obra abarca 41 livros de diversos gêneros, entre os quais peças de teatro e uma antologia poética em disco. É crítico de arte e escreve para teatro e televisão, atuando ainda como cronista em jornais de circulação nacional. Os versos de Gullar têm a constante presença de sua cidade natal – principalmente sua obra-prima, *Poema Sujo* – e são marcados pela consciência social, política e estética.

Leitura e cidadania

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço

you will be able to learn about the cultural heritage of your people, you will have the opportunity to appreciate the arts and the achievements of humanity.

Visit a library, ask the librarian how it works and how you can borrow books. The public library is for everyone and by everyone.

Mais informações sobre esta obra

As fotografias de *Abraão e as frutas* foram especialmente produzidas para ilustrar esta obra. A dúzia de frutas retratada nestas páginas foi selecionada para preservar a personalidade de cada *personagem*, a partir dos versos da autora.

As lentes do fotógrafo Sergio Alberto captaram o incomum nas formas e nuances desta salada de frutas poética. As fotos foram feitas em estúdio, com uso de luz direta em fundo preto. Foram trabalhadas as sombras para conferir mais movimento aos *modelos*.

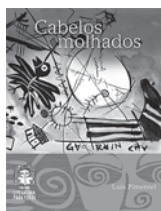
O leitor vai degustar imagens inusitadas. Logo na capa, a imponente dos cajus. O contraste da casca do abacaxi e do miolo da goiaba. A delicadeza da textura do pêssigo e das uvas. A sensualidade dos morangos; a feminilidade dos contornos da manga; e a masculinidade das bananas.

O inesperado da maçã, que revela o seu mistério estelar. A aparência sideral da melancia. Ou simplesmente o núcleo do maracujá ou a singeleza da laranja.

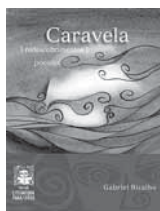
Outros livros desta coleção



Tradição oral



Contos



Poesias



Contos



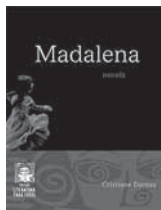
Poesias



Teatro



Biografia



Novela



Crônicas

Produção gráfica e editorial

SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção

Cristina Guimarães

cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa

Ribamar Fonseca

ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão do texto

Alessandro Mendes e Iara Vidal

alessandro@azimutecomunicacao.com.br

iara@azimutecomunicacao.com.br

Fotografias

Sergio Alberto

mibrasil@hotmai.com

Editoração eletrônica

Fernando Alves

fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção

Adriana Mattos

adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m² e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m². A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5 pt, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.

E Abraão gostava de poesia
e se dizia poeta.
Escreveu então este livro
sobre as frutas de sua vida.
E para cada uma das frutas
fez um tipo de poema –
do verso livre ao soneto e ao haicai,
erótico, em redondilha e outros...
– além de citar grandes poetas:
Bandeira, Drummond, Cabral e Gullar.
E para acompanhar melhor suas imagens
(sendo ele do século vinte e um)
recheou o livro com fotos bem coloridas
de suas frutas preferidas: abacaxi, pêssego, goiaba,
caju, maçã, manga, morango e outras.

Ministério
da Educação



ISBN85-296-0051-7



LITERATURA
PARA TODOS